

ARTES VISUAIS

Uma polêmica recuperada

Arte concreta, tema de exposição e de memória

Rio: Vertente Construtiva, mostra de 97 obras do neoconcretismo brasileiro, em várias técnicas, destacando-se, entre os artistas, Lygia Clark, Lygia Pape, Frans Weissmann, Antônio Bandeira, Ivan Serpa, Fayga Ostrower e Hélio Oiticica. Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.

Polêmica revista — A mostra Rio: Vertente Construtiva traz, para nossa reflexão, uma espécie de memória do final dos anos 50 e início dos 60, quando a polêmica entre as facções paulista (concretismo) e carioca (neoconcretismo) estava em seu auge, resultando em livros, artigos, discussões, os mais importantes da arte nacional. Nunca se teorizou tanto, nem se discutiu com tamanho ardor. Os paulistas propondo a arte do computador e uma certa frieza racional, enquanto os cariocas reagiam com uma arte mais emocional, mais experimental, no aspecto humanístico do termo.

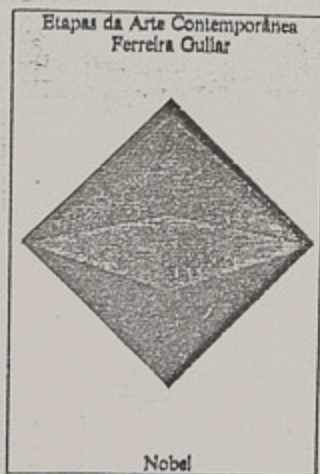
A expressão arte concreta foi cunhada por Theo van Doesburg, em 1930, mas sem o propósito de iniciar um movimento estético. Concreto, para Theo, era algo que nada tinha a ver com a natureza, mas sim com as criações humanas despegadas de influências externas. Assim como uma reta, por exemplo, que é uma invenção do ser humano, não existindo na natureza como tal.

Reflexão atual — A exposição no MAC em São Paulo reacende tais discussões, notadamente com a visão carioca. Qual a importância de um Hélio Oiticica na arte nacional? Teria sido um gênio ou um marginal, apenas? Lygia Clark, Lygia Pape, Fayga Ostrower, Ivan Serpa, enfim, uma série de artistas volta-

dos para a arte/ideia, o conceito antes da obra-prima. Mais do que isso, o percurso antes do fazer, a importância do projeto sobre o objeto.

Isso nos faz refletir sobre a época atual, quando retorna a arte sensorial, o neo-expressionismo alemão, com cores selvagens e gestos energéticos. Seria esta corrente representante da nossa época? Ou, quem sabe, o concretismo seja mais adequado à era da informática? As perguntas ficam à espera de respostas. Cada artista tem sua própria resposta.

Livro necessário — Para melhor entender a arte contemporânea e a mostra Rio: Vertente Construtiva, é imprescindível o livro de Ferreira Gullar, *Etapas da arte contemporânea*, lançado pela Editora Nobel no MAC, com prefácio de Aracy Amaral. A obra de Gullar repassa o caminho da arte contemporânea, mostrando cada capítulo dos principais movimentos deste século. O livro é dos melhores já escritos sobre o assunto, graças à sua agudeza de reflexão e informação. São 263 páginas com 64 fotos, infelizmente em preto e branco, perdendo muito pela ausência de cor em obras essencialmente coloridas. O livro vale por sua raridade no mercado brasileiro e pela competência de quem o escreve, o poeta e pensador Ferreira Gullar. • Alberto Beuttenmüller



Um mestre, em estilo e coerência

No Rio e em São Paulo, homenagem a Kaminagai

Tadashi Kaminagai — Revisão da obra, pinturas. Museu Nacional de Belas-Artes/Sala Bernardelli (as obras não estão à venda) e Realidade Galeria de Arte (preços de 7 a 50 milhões de cruzeiros), Rio de Janeiro. Em São Paulo, no Museu de Arte de São Paulo e na Galeria A Ponte, a partir de 18 de julho.

Multinacional — A arte e a guerra transformaram Tadashi Kaminagai, um amável japonês de Hiroshima, em cidadão de três pátrias: Japão, França e Brasil — terras que, como desejou, receberam igualmente suas cinzas, depois da morte em 1982. E também terras que inspiraram sua extensa obra, um dos grandes destaques da vanguarda internacional.

Kaminagai nasceu em 1899 e, decidido aos 28 anos a tornar-se pintor, transferiu-se para Paris e para a convivência com os grandes mestres da pintura, como Matisse, Marquet, Braque, Chagal, Fougère, Van Dongen. Já em 1930, expôs em importantes salões franceses, entre os quais o Salão de Outono.

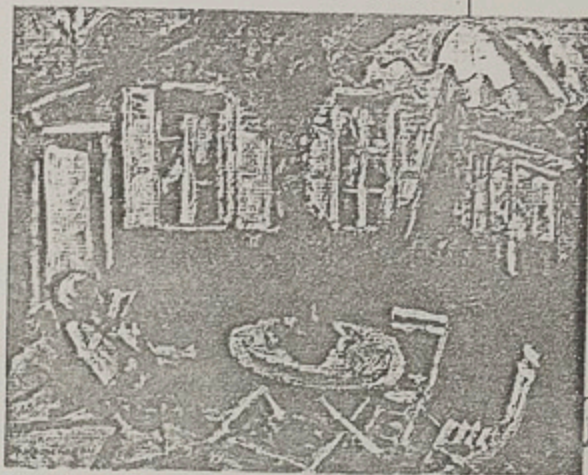
Em 1941, realizou uma visita ao Brasil e aqui foi surpreendido pela entrada do Japão na II Guerra, que, entre seus horrores, lhe deixaria uma profunda mágoa: sua mãe foi uma das vítimas da bomba atômica de Hiroshima.

Mestre pioneiro — Autêntico representante da Escola de Paris, Kaminagai viveu catorze anos no Brasil, onde teve entre seus discípulos, no ateliê do bairro carioca de Santa Teresa, nomes como Inimá José de Paula, Fukushima e Shiro Tanaka. Um ano após sua chegada já estava integrado a grupos

de artistas nacionais ou de outros emigrados de guerra.

Incansável pintor e um estilista, manteve-se à margem da influência dos modernismos, como a abstração. Por toda a sua vida, seguiu a linha coerente de uma pintura espontânea, de pinceladas impetuosas e cores fortes, numa síntese pessoal que resguardou à luz do impressionismo e à qual incorporou o poder do expressionismo, tomando por modelo o real, principalmente a natureza.

Homenagens — Embora passasse os últimos anos de sua vida em Paris, Kamina-



"Week-end" (1977), de T. Kaminagai

gai nunca abandonou o Brasil, voltando regularmente para visitar os amigos ou realizar exposições. O ciclo de homenagens, programado para este ano, é dos mais expressivos e faz inteira justiça ao grande pintor. A Sala Bernardelli do Museu Nacional de Belas-Artes abrigará, até 30 de junho, oitenta quadros pertencentes ao acervo da viúva e do filho de Kaminagai. A Realidade Galeria de Arte mostrará quarenta quadros e realizará um programa de filmes e palestras sobre a vida e a obra do artista, de 18 de junho a 7 de julho. A partir de 18 de julho, as mostras serão transportadas para o Museu de Arte de São Paulo e para a Galeria A Ponte, ambos na capital paulista. • G. R.